

O Professor Lúcio Craveiro da Silva Acílio da Silva Estanqueiro Rocha*

O Conselho Cultural da Universidade do Minho dedica este seu número da *Forum* à memória do Professor Lúcio Craveiro da Silva, que foi o seu Presidente até ao dia em que deixou o convívio dos mortais, um vulto da cultura que deu o seu melhor a este Conselho e à Universidade do Minho, sempre empenhado na projecção da Universidade, com peculiar incidência no campo específico da cultura, que é e será sempre – como Universidade pública que é –, uma das suas dimensões ao mesmo tempo simbólica e estratégica. A actividade cultural no universo da Universidade do Minho, nas suas multímodas expressões, que, de modo crescente a caracterizam, tem impregnado a vida e a irradiação da Universidade, que assim actua comprometida na transformação da realidade, densificando desse modo a sua interacção com a sociedade.

* Vice-Reitor da Universidade do Minho. Professor Catedrático do Instituto de Letras e Ciências Humanas da U.M.

1

Como sabemos, a Universidade é ela própria, nas suas diversas dimensões, uma expressão da cultura, tendo-se estabelecido ao longo dos tempos, em admirável conúbio, uma estreita relação entre cultura e universidade: a cultura deu corpo à universidade e esta amplifica e aprofunda a cultura.

A Universidade não esgotou, com o fluir dos tempos, o seu sentido e as suas possibilidades, estando sempre a ponto de as reinventar de acordo com as mudanças que se vão registando nas sociedades. Se lhe compete ser um lugar de interpretação do mundo e de nós próprios, um lugar onde se aprende a saber e a pensar, e se, nos tempos actuais, pode e deve contrariar a corrente individualista que percorre a sociedade, antepor à vertigem das imagens e ao imediatismo de receita a sobredeterminação expressiva da linguagem e do saber, nesse intuito, compete-lhe também exercer alguma resistência criadora e não recuar sobre o lugar necessário da escrita, do esforço, do tempo, da memória, do património, da imaginação, do próprio silêncio – tal como na música, que se esvairia se só houvesse sons (melódicos ou harmónicos) sem a reiteração das pausas. Se Europa claudicar nalguma partida económica, isso poderá acarretar grave crise social, como a que actualmente vivemos; se, e só se, como recurso imagético, quiséssemos pensar a Europa sem universidades, ela perderia uma parte substancial da sua identidade, da sua personalidade, do seu próprio ser. A Universidade é indispensável num mundo que se perpetua sem se repetir.

Neste sentido, a Universidade é indubitavelmente o *locus* onde emerge a inovação; todavia, esta não é possível sem o concurso da memória. A cultura, na universidade, é a fonte da própria identidade nascida na história que ao mesmo tempo a singulariza e a torna eterna: é índice e reconhecimento da diversidade; é o território privilegiado de criação, de diálogo e de debate, da diferença e do entendimento, enfim, até mesmo de transgressão da rotina quotidiana. Se a política cultural coubesse apenas ao mercado, por mais que esta lógica neoliberal queira impor-se – hoje sem dúvida desacreditada –, boa parte das formas expressivas que hoje são pujantes, desapareceriam. Com efeito, atribuir apenas quantitativamente um valor ao retorno de políticas culturais é tarefa

que recai no malogro, já que os influxos advindos do incremento cultural vão muito para além do que em geral é perceptível na sociedade ou em qualquer universo institucional; aliás, a orientação que conferia sustentação a essa imagem pertence ao acervo das doutrinas passadas.

Os vínculos que unem universidade e cultura são, pois, indissociáveis. O cultivo da razão é o mais poderoso dos instrumentos de humanização, seja no que é mais especificamente humano seja no que concerne mais propriamente à vida material. Como já o disse, na universidade, a cultura deve ser um universo cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte nenhuma.

2

É neste contexto que quero invocar concisamente a figura do Professor Lúcio Craveiro da Silva. E desde logo sobressai esta dimensão: ele foi efectivamente um *criador*, legando-nos um vasto campo de pensamento e de acção, impregnando e deixando marcas por onde passou.

Foi-me dado o privilégio, então na minha qualidade de Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas, de proferir no Salão Medieval da Universidade do Minho, aquando do octogésimo aniversário do Professor Lúcio, a *Laudatio* que as Academias tributam aos seus Mestres. Nesse acto, tive ensejo de mostrar isso mesmo: o então Homenageado foi um artífice de inovação na Universidade. Já em Évora, onde foi Director do Instituto Superior Económico e Social (1964-1971), ousou criar o curso de Gestão de Empresas, enfrentando resistências e dificuldades, tendo-lhe a história dado razão, com a implantação actual destes cursos a nível nacional. É de toda a justiça salientar o seu papel como mentor, na Universidade do Minho, do Curso de Relações Internacionais, o primeiro criado em Portugal, hoje disseminados noutras instituições universitárias do País; também aqui a história lhe deu razão. No Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho sabe-se como ele foi o *criador* e o primeiro Presidente da então denominada Unidade Científico-Pedagógica de Letras e Artes, tendo dirigido várias comissões que instalaram, nas décadas de setenta

e de oitenta, cursos do âmbito das Letras e Ciências Humanas. Mas não foi só o Instituto de Letras e Ciências Humanas que foi impregnado pela acção denodada do Professor Lúcio. Foi toda a Universidade do Minho que sentiu o impulso criador deste Universitário, membro da Comissão Instaladora desde a sua criação, impulsionador também dos cursos de Ciências Sociais, depois sendo Vice-Reitor, Reitor eleito – o primeiro Reitor eleito numa Universidade portuguesa após a Revolução de Abril de 1974 –, depois Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho. Durante os anos em que foi Reitor, tendo assumido o governo da Universidade num período difícil, de incertezas políticas, ele foi o Reitor persistente, que, imbuído de sabedoria e de prudência, soube serenar espíritos e galvanizar vontades, tendo justamente ganho uma autoridade moral que lhe é comumente reconhecida. Como Presidente do Conselho Cultural, é-nos grato recordar como foi o artesão de coesão das Unidades Culturais da Universidade, sempre vivamente empenhado na publicação de cada número da *Forum*, devendo-se-lhe grande projecção da Universidade no meio em que esta se insere.

3

Fui um leitor assíduo dos estudos de Lúcio Craveiro da Silva, e a memória regista como cada um dos seus textos convida ao exercício proveitoso da leitura, entregue ao "prazer do texto" e à súpula do que aí é apresentado. Com efeito, há em torno desses trabalhos¹ um irrecusável efeito de fascínio; surpreende a sua capacidade de ser portador de um olhar sempre diferente sobre os problemas que versa; espanta a pluralidade de interesses, a imensidão de uma cultura que não se entrincheira em redutos de erudição, o jogo ilimitado das referências, que vão dos estudos económicos e sociais, aos da filosofia em Portugal e cultura portuguesa, da ética à filosofia social e política, onde se revela uma paixão de pensar, de investigar, uma convicta volúpia de compreensão dos magnos problemas da sociedade contemporânea.

Assim é, desde logo, no domínio sócio-económico, em escritos sobre questões sociais, onde o problema da produção é inquirido e onde a persistência analítica

vai fundo, atribuindo já nessa década de 40 do século passado, relevância especial ao factor humano no desenvolvimento económico do País. No termo da década de 70 insiste incansavelmente como é através da participação "que o programa da promoção social pelo desenvolvimento económico se concebe e se realiza", caracterizando as estruturas e os métodos de participação, equacionando as respectivas frentes prioritárias, que vão desde o desenvolvimento participado, à formação e preparação de quadros, concluindo com a difusão da cultura em extensão e intensidade. Diria hoje que se o Professor Lúcio tivesse sido escutado desde esses anos da década de quarenta, o ensino técnico e profissional não apresentaria o estado exangue com que as novas gerações se têm defrontado, e o ensino politécnico teria sido há muito nobilitado.

Foi, sem dúvida, um dos mais brilhantes investigadores da filosofia em Portugal, no tomo da produção e na profundidade da análise, quer por uma melhor asseveração aos estudos feitos, quer no permanente estímulo de revisão do já sabido pela mediação da crítica, quer pela forma estética de um verbo ágil e de uma prosa tersa e dúctil. Paulo Orósio, Pedro Hispano, Álvares Pais, Francisco Sanches, a Escola Conimbricense em Filosofia, Serafim de Freitas, Inácio Monteiro, Silvestre Pinheiro Ferreira, José Agostinho de Macedo, Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes, Silvestre de Moraes, Abel Salazar, são algumas das figuras versadas na obra de Lúcio Craveiro da Silva. Nestas publicações deixa no leitor uma impressão de fascínio, pelo apuro formal de uma exposição singularmente penetrante, de rara finura crítica, e, de modo mais recôndito, o sulco impresso de uma atitude reflexiva, em permanente busca de fundamentos.

Se em Paulo Orósio (séc. V) é apresentada uma teoria da História, de singular recorte ecuménico, em Pedro Hispano (séc. XIII) – o primeiro grande filósofo português depois do nascimento de Portugal – são especialmente analisadas as *Súmulas Lógicas*, a sua obra como psicólogo, as obras médicas, tornando-se patente, por um lado, a mundividência desse nosso filósofo pela extensão de conhecimentos, por outro, o ecletismo que informava a sua obra. Francisco Sanches foi um dos autores que mereceu do Professor Lúcio Craveiro da Silva alguns dos mais argutos estudos, sobre quem projecta uma nova luz como homem do Renascimento, avaliando a sua luta anti-escolástica, delineando o seu perfil filosófico nas correntes vertiginosas do tempo, não só como prólogo

à dúvida metódica cartesiana e à filosofia do *cogito*, mas também rasgando as novas vias do conhecimento experimental, que Bacon sistematizará. Avulta também o conjunto de trabalhos sobre Bartolomé de las Casas, especialmente sobre a obra de Vitoria (desenvolvida em Salamanca), Francisco Suárez (na Universidade de Coimbra) e Molina (em Évora), quer porque o reconhecimento e a defesa dos direitos dos povos descobertos são então afirmados, pela primeira vez, numa perspectiva inédita que criou o direito internacional, quer ainda porque nasceu em claustros universitários das duas nações europeias que mais contribuíram para os Descobrimentos.

Foi claramente um admirador do Padre António Vieira, “um Autor com quem sempre convivi” – conforme testemunha –, confessando-se também discípulo de Antero de Quental, onde “bebemos alguma coisa de humano e de vital”. Sobre ambos escreveu sintomaticamente nesse livro e, nessa referência conjunta, alia-se a um tempo o estudo e o influxo, pois esses interlocutores do diálogo filosófico que Lúcio Craveiro entabulou, nele impregnou fundo, ao mesmo tempo como estudioso e admirador. Especialmente em Antero, presenteando o mel do vasto favo documental revolvido, o Professor Lúcio clarifica, logo de início, numa obra que se tornou clássica, as influências que desencadearam uma “revolução interior” em Antero, e compraz-se em caracterizar o que denomina de “antinomias anterianas”, pondo em plena luz a estrutura dinâmica do pensamento do nosso Poeta-Filósofo, buscando, no livro que a ele consagrou, esclarecer a progressão, por sínteses sucessivas, da metafísica à moral, patenteando, ao finalizar a primeira parte, o diálogo vivo e interior que se travou entre o investigador e a obra pesquisada, naquele que é um dos momentos de rasgada interioridade do livro. Entre os vários capítulos da obra estabeleceu-se uma rede de subtis relações, um permanente jogo de reflexos que se vão mutuamente iluminando e para cujo prazer de leitura mostrar-se-á útil algum conhecimento específico do assunto.

É ainda à década de 50 do século XX que remontam os seus trabalhos sobre a Comunidade Europeia, conjuntamente com aqueloutro – de preclara prospectiva – sobre o *princípio de subsidiariedade*, na medida em que somente na última década do século volvido se tomará consciência da relevância desta dimensão constitutiva da União Europeia: «Ensina-nos o princípio de subsidiariedade e a experiência que sempre que uma sociedade superior assume

as funções de uma sociedade inferior, fora da esfera do bem comum, isto é, quando uma sociedade superior quer realizar por si um bem mais particular do que o exigido pela própria finalidade, a sociedade civil ficou sempre menos próspera e mais empobrecida».

São dessa época ainda as obras sobre *A Idade do Social* e sobre *O movimento Operário*. Na verdade, escrever então sobre "a idade do social" é, por si, já um acto científico criador. Numa articulação estreita entre o trabalho do sociólogo – examinando o vigoroso e variado fluxo dos factos sociais – e a reflexão filosófica – como é mister do seu trabalho como pensador –, são analisados, desde o social na propriedade e na produção, a concorrência, as razões e limites de intervenção do Estado no campo económico-social, a estratégia da emulação e do estímulo, o direito ao trabalho, a formação do salário e a previdência social, o direito de associação – todo este vasto edifício do social subsumido nos problemas iminentes da vida internacional, elucidados com vigor percuciente e numa óptica de sobredeterminação funcional dos fenómenos sociais.

4

Por último, o Professor Lúcio Craveiro da Silva, que foi pensador, investigador, ensaísta, e que pertence ao escol dos persistentes artífices desta Universidade, foi também um pensador acerca da Universidade². Importa trasladar, para estas notas cursivas, uma página duma das suas alocuções, onde afirma: "Todos nos entendemos quando falamos de Universidade; mas é longa a discussão se a queremos definir. Dum modo geral, todos aceitamos pacificamente que ela é o lugar próprio de ensino de nível superior e dos altos serviços culturais e tecnológicos a prestar à comunidade. Mas esta é a descrição da sua face externa. Mais difícil, mas tentadora, é a exploração da sua face interna, do espírito que a impele, dos métodos que utiliza, do lugar que ocupa. A universidade floresce como centro vivo da Cultura, dentro da sociedade, e é sempre difícil definir a vida. Como a vida, ela recolhe todas as forças que a trouxeram ao presente, busca incessantemente a inovação que assegure o futuro, vive sempre alerta, na ânsia insatisfeita de desenvolver e criticar os valores do

presente, sem perder os legados do passado nem comprometer a renovação do futuro. Investiga sem descanso, traça hipóteses de trabalho que julga pelos resultados da experiência, usa para isso um método rigoroso e crítico, está aberta à mais ampla e livre discussão dos problemas; nunca assenta, portanto, numa posição estática e definitiva. Neste sentido mais profundo se afirma que a Universidade é um lugar de crise fecunda, de luta construtiva, de criação incessante. E tudo isto é feito à luz do dia, perante uma sociedade em que se integra e serve, sem esperar recompensas senão as do dever cumprido e de uma vocação realizada".

Neste aspecto, este Professor Catedrático tem a secreta magia de saber abrir as portas à comunicação humana. A sua luta foi por um "Universidade em prospectiva". É que a Universidade, ao aumentar a sua capacidade de resposta, não pode perder a sua capacidade de questionamento. Os discursos, conferências e publicações, do Professor Lúcio Craveiro sobre este tema, percorrem as suas mais diversas funções da Universidade: se esta foi, logo no século XII, a *universitas magistrorum et scholarium*, é também a *universitas scientiarum*, isto é, "uma Escola, síntese de Escolas e não uma mera sobreposição de Escolas"; mas não olvidou, nos seus escritos, nem a racionalização da gestão científica, pedagógica e administrativa, nem a interação da Universidade com a sociedade, nem a acção social escolar, ou a actividade editorial científico-pedagógica.

Na invocação do pensamento do Professor Lúcio preferi deixar-me conduzir pelos grandes arquitectos da sua obra, a etiquetá-la segundo sistemas; é que isso seria tirar ao seu pensamento o que o caracteriza paradigmaticamente: a constante juventude de um espírito sempre ludicamente absorvido na fascinante arte de pensar, atravessando as fronteiras de várias disciplinas e orquestrando uma metodologia polimórfica.

Universitário fora do comum, pensador e investigador exímio, pedagogo acutilante de pendor socrático, cujo espírito filosófico se desenvolvia ritmicamente entre *maiêutica* e de *ironia*, mas antes de tudo uma figura de rasgada humanidade. Colega que se aproximava de nós num gesto de radical fraternidade, companheiro que transmitia a palavra necessária e o prudente conselho, a que não negava um humor genuíno, aliado por vezes a uma graça fina. Mas sobre

a figura humana de Lúcio Craveiro da Silva não quero alongar-me, não vão as minhas palavras macular aquela percepção tão íntima, vivida por cada um no convívio que desfrutou com ele, que, acima de tudo, era um homem de elevada estatura moral, firmada numa amplíssima cultura, senhor de rara elegância e acribia incomum: uma personalidade tão aristocraticamente simples, na vida universitária, como no trato quotidiano.

5

A Universidade do Minho e a cidade de Braga souberam honrar, justa e condignamente, e em tempo oportuno, a vida e obra do Professor Lúcio, ao atribuir o seu nome à nova Biblioteca de Leitura Pública de Braga, inserida no programa "Bibliópolis". Tal atribuição foi uma completa surpresa e decorreu com impressionante comoção, especialmente para o homenageado; se fosse de outro modo, sabe-se que ele denegaria o acto. Ainda hoje recordo como ficou perturbado, quando a lápide alusiva foi descerrada, pelas expressões estampadas em seu rosto; não aguentaria esse acto expressivo se não houvesse pessoa avisada a seu lado, apoiando-o e sustentando-o. Assim, soube-se fazer jus ao mérito de Lúcio Craveiro da Silva, impregnado da mensagem íntima colhida da sua *Serra da Estrela*, a *Serra da sua sorte*; e se foi *Serra para a morte*, dela colheu a *Estrela para a vida*, conforme celebra em verso³ – foi também poeta –, onde ocorria nos meses de Agosto como sua guarida e inspiradora.

Esse poema – entre outros da sua autoria –, escrito na Covilhã, com a data de 1963, epítome da sua vida e sinopse do seu ideal, é bem expressivo do que o seu Autor desejava ser e que efectivamente foi. Da *Serra da Estrela*, emblemática das suas origens, que havia penetrado fundo na sua alma, qual simbiose entre labor e persistência, entre esforço e hospitalidade, entre grandeza e simplicidade, colheu sementes que nele germinaram nas terras interiores da Beira e floresceram um pouco por todo o lado onde se desenrolou a sua vasta actividade. Isso o expressa no verso, *Ai Serra que me caíste, / Dentro do meu coração*. Dela auferiu também aquela vertente, *Dá-me a Serra para a morte*, repentina que foi naquela manhã de 13 de Agosto de 2007, no seio da sua comu-

nidade religiosa da Companhia de Jesus, em Braga, quando estava prestes a iniciar nessa tarde um tratamento de radioterapia, no Instituto de Oncologia do Porto, a que a morte o poupou a tão doloroso sofrimento. Também na sua vida de noventa e dois anos, cumpriu, da densa simbologia a que o poema alude, *Ó Serra da minha sorte*, o versículo prospectivo, *Dá-me a Estrela para a vida*:

*A Serra da Estrela é alta
Da altura do olhar:
Vê-se a Serra a subir
Nunca se vê acabar...*

*És alta como um olhar
Funda como um coração,
E a minha vida passou
Fez de ti habitação.*

*Ai Serra que me caíste
Dentro do meu coração.
Não pensei que a Serra alta
Tivesse tal dimensão.*

*Ó minha Serra da Estrela
Ó Serra da minha sorte,
Dá-me a Estrela para a vida
Dá-me a Serra para a morte.*

Notas

¹ Cf. "Perspectivas da prospectiva": acerca da obra de Lúcio Craveiro da Silva", *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, 52 (1-4), 1996, pp. 1-26. Cf. também "Proémio", in Lúcio Craveiro da Silva, *Biobibliografia. Sobre a Universidade*. Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2004, pp. 9-55. Em qualquer destes trabalhos remeto o leitor para os diferentes títulos da obra em apreço.

² Os vários textos sobre a universidade, estão reunidos em Lúcio Craveiro da Silva, *Biobibliografia. Sobre a Universidade*, op. cit.

³ Lúcio Craveiro da Silva, "À Serra da Estrela", *Pégadas no Caminho*. Braga, 1970, p. 25.